

PHILIPPA LEATHLEY

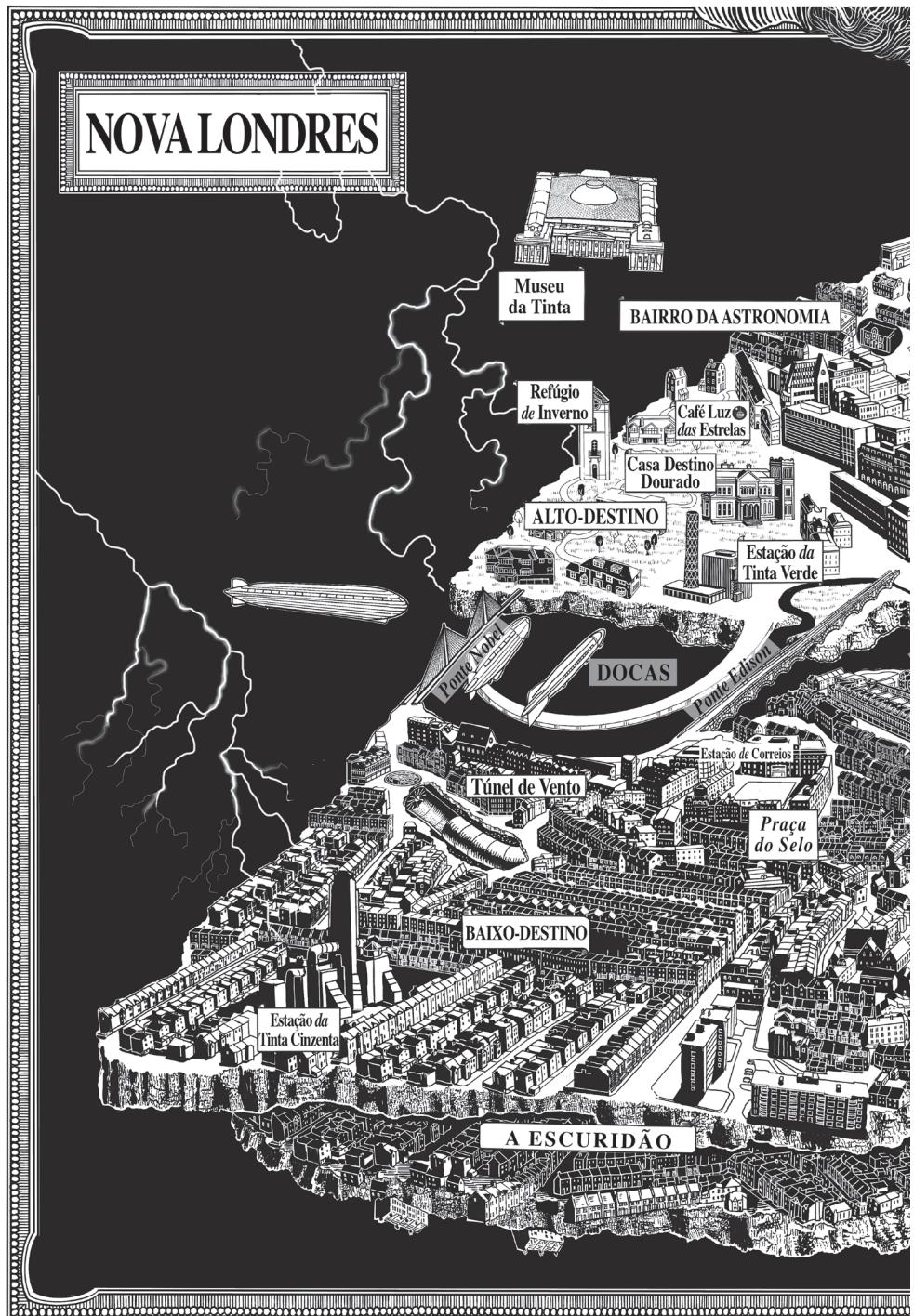


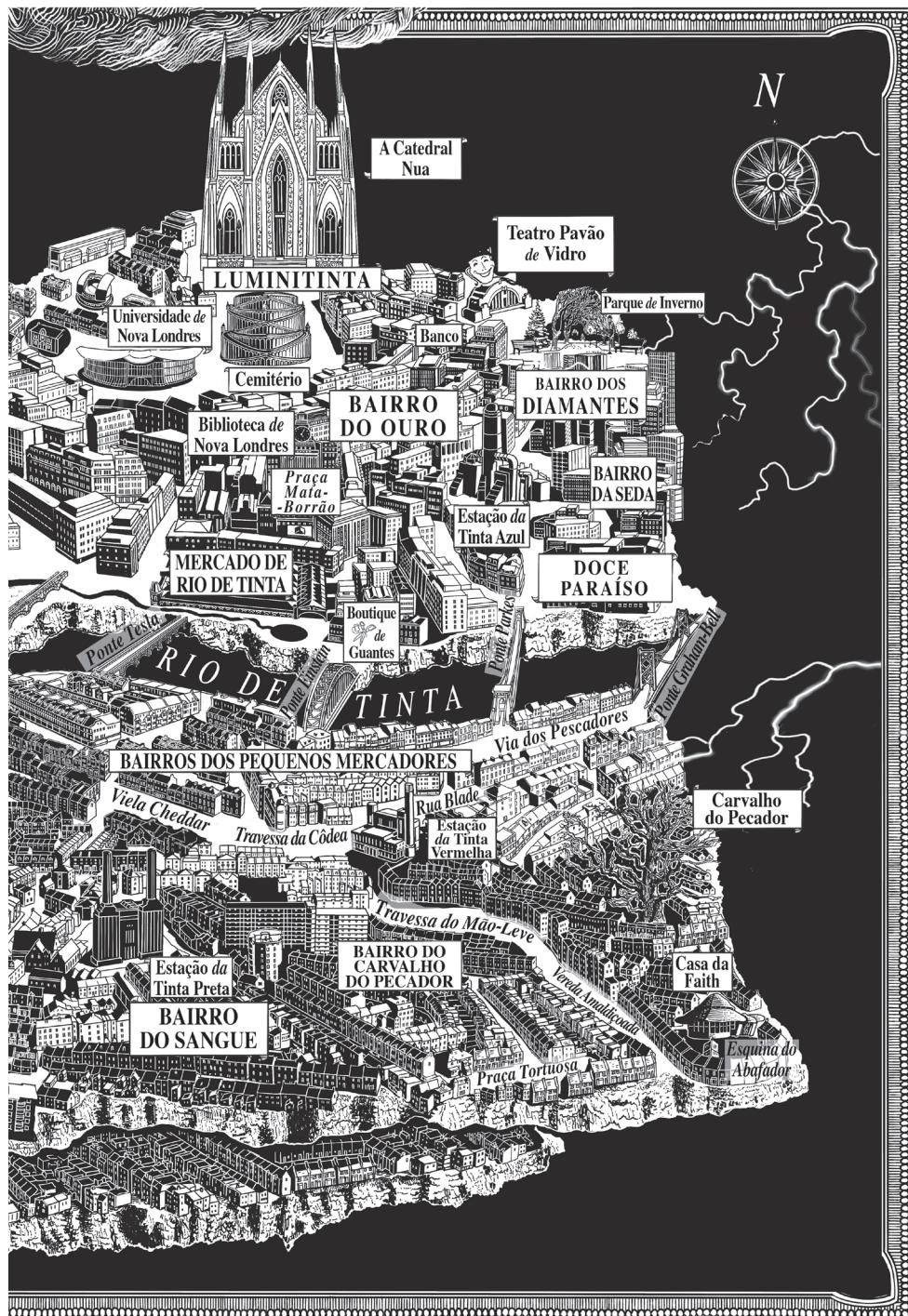
Tradução
Isabel Canhoto

Planeta Junior

*Para a minha magnífica mãe
e maravilhosas afilhadas,
Iris e Nancy*

NOVA LONDRES







CAPÍTULO UM

Darkwell

Havia algo de errado com o bilhete da Metty. Inspecionou-o pela centésima vez enquanto o comboio ribombava à sua volta e serpenteava pelos túneis do metro de Londres. Teve de semicerrar os olhos para ler as letras na parte superior. *Darkwell*, diziam, com um perigoso brilho púrpura.

Mas esse lugar não existia!

Franzindo a testa, a Metty virou o bilhete e examinou o verso. As letras miudinhas eram difíceis de decifrar, mas isso pouco importava. Ela tinha passado horas a perscrutar mapas do metro, usando o dedo para percorrer todas as rotas coloridas. Conhecia-as de cor, e nunca tinha visto um lugar chamado Darkwell.

E agora o comboio que os transportava corria para o fim da linha. Em breve não haveria mais estações.

A Metty saltou quando o capitão soltou um valente ronco, atraindo olhares reprovadores dos outros passageiros. A rapariga olhou de relance para o pai. Este estava encostado à janela, profundamente adormecido, com os braços cruzados e um chapéu de feltro puxado para baixo para lhe cobrir os olhos.

Qualquer um pensaria que não descansava há dias, mas o capitão tinha sempre um ar exausto. A governanta da família dizia que ele tinha passado demasiados anos na marinha, embalado no sono por oceanos agitados, e que se esquecera de como viver em terra firme.

A Metty preparava-se para o acordar quando o altifalante se fez ouvir sobre a sua cabeça: «A próxima estação é Aldgate, onde este comboio termina a viagem. Não se esqueça de levar os seus pertences quando sair da carruagem.»

– Capitão – sussurrou a Metty, espetando um dedo no braço do pai. – Capitão, acorde!

Ele acordou com um ronco, endireitando-se tão violentamente que quase perdeu o chapéu. Os seus profundos olhos castanhos, inchados pelo cansaço, percorreram a carruagem, depois deram com a Metty ao seu lado.

– O que sucedeu? Já chegámos?

– Estamos em Aldgate – respondeu a rapariga, ao mesmo tempo que o comboio entrava na estação. Ela ergueu as sobrancelhas, lançando-lhe um olhar exasperado. – É o fim da linha.

– Não para nós. – O capitão bocejou e voltou a encostar-se.

– Mas a voz no altifalante disse... Repare, estão todos a sair.

– Não te preocipes com o que eles estão a fazer. Nenhum deles vai para onde nós vamos.

– Refere-se à estação de Darkwell? – perguntou a Metty, numa voz duvidosa.

– Essa mesmo.

– Mas esse sítio não existe.

– Como sabes? – disse o capitão, olhando-a pensativamente.

– Porque nunca o vi e não está em nenhum mapa.

Um sorriso assomou ao rosto do pai ao mesmo tempo que ele se endireitava e se inclinava para a frente, apoiando os cotovelos nas coxas.

– A verdade, minha querida, é que os lugares mais interessantes nunca estão num mapa. E estou a ver que isso te perturba imenso. – Soltou uma risada e tocou levemente no queixo de Metty. – Agora segura-te ao assento. Segura-te bem.

– Porquê? – perguntou ela com um alvoroço nervoso.

– Porque acho que estamos prestes a partir.

A Metty acabara de agarrar o varão mais próximo que se erguia do chão para o teto, quando um chiar metálico ecoou no exterior, seguido por um estrondo que fez vibrar todo o comboio. Parecia que algo estava a rasgar os carris à frente deles. A Metty contorceu-se e apertou os ombros contra as orelhas, desejando que o ruído parasse.

Por fim, o estrépito desvaneceu-se e ela virou-se para olhar pela janela. Não conseguia ver nada para além da plataforma e de umas escadas que conduziam à rua. Todos os outros

passageiros tinham desaparecido, deixando-a e ao capitão dentro do comboio.

O altifalante zumbiu de novo por cima da sua cabeça: «Próxima estação: Darkwell.»

O pai fez uma careta, como se estivesse a preparar-se para algo desagradável.

– Esta parte faz-me sempre querer vomitar – disse. Ao ver a expressão horrorizada de Metty, acrescentou: – Não te preocipes, vou tentar não acertar em ti.

– Mas o que vai...?

A pergunta deslizou de novo pela garganta da rapariga quando o comboio deu um solavanco e disparou pelos carris fora. De súbito, estavam a inclinar-se como um carro no cimo de uma montanha-russa prestes a precipitar-se por um declive assustador. Ouviu-se uma série de rápidos *clic-clac* à medida que as rodas do comboio giravam cada vez mais depressa, ganhando velocidade.

E então, antes que a Metty pudesse gritar, mergulharam num túnel escuro como breu que devia ter-se aberto diante deles.

O sangue rugia nos ouvidos da Metty, deixando-a tonta. As luzes da carruagem tremeram e apagaram-se, e não havia mais nada além de escuridão no túnel que descia, denso e viscoso como um oceano de alcatrão. As entradas da Metty pareciam ter-se transformado em sopa, chocando dentro dela à medida que o comboio caía pela escuridão infundível. Por fim, com um chiar de travões, o comboio deteve-se ao lado de outra plataforma.

Nauseada, a Metty olhou para as mãos. Estava a agarrar o varão com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos como giz. O braço do capitão estava estendido sobre o peito da rapariga, apertando-a contra o assento. Ela nem sequer tinha notado o seu gesto durante o caos de voar pelo declive abaixo.

«Chegámos a Darkwell», declarou o altifalante numa voz enfadada, «onde este comboio termina a sua viagem. Não se esqueça de levar os seus pertences quando sair.»

– Pronto – disse o capitão, pondo-se de pé tremulamente. O seu rosto perdera a sua habitual vermelhidão e parecia doentio.
– Não foi assim tão mau, pois não?

A Metty observou-o num silêncio gelado.

Olhou à volta enquanto seguia o pai para fora do comboio e da estação de Darkwell, agarrando a manga do casaco dele. Parecia que estavam numa espécie de caverna. O teto era uma laje de rocha preta iluminada por fiadas de stalactites cintilantes. Por baixo dele, estendendo-se para lá da estação, estava uma rua desordenada.

A Metty contou vinte edifícios no total: grandes casas góticas, lojas misteriosas, pequenos cafés estranhos e um teatro com um letreiro luminoso. O lugar tinha um ar algo antiquado, como se tivessem tropeçado numa rua dos anos 1920. Halloween chegaria dentro de uma semana, e os residentes de Darkwell tinham feito as devidas decorações. Abóboras sorriam maldosamente diante de casas altas. Teias de aranha tinham sido penduradas de todos os candeeiros, juntamente com enormes aranhas de

borracha, enfeitiçadas para agitar as suas pernas compridas. A Metty esbugalhou os olhos perante o mágico nevoeiro verde que rodopiava pela caverna, acumulando-se junto aos edifícios, evocando uma atmosfera deliciosamente macabra.

– Estamos *debaixo* do metro? – perguntou ao capitão, numa voz maravilhada.

– Estamos debaixo da Velha Londres – disse o pai. – Muito, muito abaixo, por acaso.

– Mas porque está este lugar escondido? Toda a gente sabe dele?

– Oh, bastante gente *sabe*. Chegar aqui abaixo é que é a parte complicada – é difícil arranjar bilhetes, e são terrivelmente caros. Darkwell é um pouco... exclusivo, percebes?

– Quer dizer ilegal? – disse a Metty, com uma mistura de medo e excitação.

Normalmente, o seu pai era muito respeitável. E a rapariga estava surpreendida que ele a tivesse trazido para um local tão duvidoso, já para não dizer tão obviamente mágico. A magia era severamente controlada em Inglaterra nas últimas duas décadas. Havia algumas exceções, claro: coisas inofensivas como usar encantamentos para curar uma perna partida, ou avançar por obras na estrada inconvenientes, ou comunicar com alguém através de um espelho, mas a maior parte dos atos de magia eram ilegais. Segundo o capitão, as ruas da Velha Londres nem sempre tinham sido tão vazias e descoloridas, sem um único encantamento para as animar, embora fossem assim desde que a Metty se lembrava.

– Não propriamente *illegal*. – O pai conduziu-a na direção da casa maior e mais elegante, mesmo no final da rua. – Darkwell tem uma certa reputação, só isso, como a maior parte dos locais de magia que restaram dos velhos tempos. Não fiques tão horrorizada, Met. Sabes bem que não te traria aqui abaixo se não houvesse uma boa razão. Por falar nisso...

Os dois pararam diante da imponente casa e o capitão tocou à campainha. Um instante depois, um mordomo idoso veio saudá-los. Tatuada na mão do homem, mesmo por baixo dos nós dos dedos, via-se uma chave prateada. A Metty ficou a olhá-la, fascinada, tentando lembrar-se do significado de uma tatuagem como aquela. Os seus dedos procuraram o bolso do casaco e o livrinho aí enfiado.

– B' tarde – disse o pai, tirando o chapéu. O ribombar bem-humorado da sua voz sobressaltou a Metty, e ela baixou a mão de novo.

– Boa tarde, senhor – retorquiu o mordomo, cautelosamente.
– Em que posso ajudá-lo?

– Viemos conhecer a famosa profetisa.
– Deveras. E a Madame LeBeau está à sua espera?
– Espero bem que sim. Marquei o encontro a semana passada e paguei uma quantia exorbitante por ele. – O capitão deteve-se, olhando para baixo para a Metty com um sorriso orgulhoso, embora ela detetasse um pouco de pavor nos seus olhos. – É assim um dia especial para nós, na verdade. Está a ver, é o aniversário da minha filha.

– Ah – disse o velho lançando um olhar curioso a Metty.
– Nesse caso, é melhor entrarem.

Os dois seguiram-no para um átrio com um lustre negro e um soalho de madeira polida. Pósters emoldurados decoravam as paredes, do tipo que poderia ser encontrado num teatro a publicitar os espetáculos seguintes. Um deles em particular atraiu o olhar da Metty: o retrato de uma senhora envergando um vestido de lantejoulas com uma bola de cristal nos seus longos dedos escuros. Palavras flamejavam à largura do póster.

Madame Fayola LeBeau

Aclamada e Mundialmente Famosa Vidente e Profetisa

Seja Testemunha do Maravilhosa Oráculo durante

UMA SEMANA APENAS

no

Teatro Tesouro Sombrio

As portas abrem às 20 horas

Preço dos bilhetes não negociável. Sem Reembolso.

Sina Satisfatória Não Garantida.

– Aquela é a pessoa que viemos ver? – sussurrou a Metty.
– Tem um aspetto assustador!

O capitão riu-se.

- Não me digas que estás a ficar com medo.
- Não estou!

Há imenso tempo que a Metty morria de vontade de ver uma profetisa, ansiando que o seu décimo aniversário se despachasse e chegasse. Não ia agora perder a oportunidade quando o dia finalmente chegara.

O pai olhou para ela com gentileza.

– Sabes, é normal sentirmo-nos ansiosos antes de uma sina. Toda a gente se sente um pouco...

A Metty gemeu.

- Não estou ansiosa.

O mordomo conduziu-os à primeira porta no átrio.

– Façam o favor de se sentar enquanto eu informo a senhora da vossa chegada – disse, com um gesto largo da mão.

O capitão segurou a porta para a Metty, que deu por si a entrar numa sala de estar à maneira antiga, com mobília de época e cortinados pesados. Havia dois sofás e uma mesa de centro no meio da sala, com uma pilha de revistas e jornais.

A Metty preparava-se para se sentar quando algo a distraiu: lampejos de luz dourados escorrendo pelas paredes como mel. Olhou para cima, de sobrolho franzido, e soltou uma exclamação.

Pairando junto ao teto alto estavam centenas de medusas, algumas minúsculas, outras do tamanho de melancias, e os seus

corpos brilhavam naquele espaço sombrio. A Metty ficou fascinada, incapaz de desviar o olhar. As medusas estavam claramente pintadas no teto e, no entanto, movimentavam-se como criaturas vivas reais, deslizando como se estivessem na água, os seus tentáculos e cabeças esponjosas ondulando ao toque de ondas invisíveis.

O mordomo pigarreou.

– Maravilhosas, não são? A minha senhora tem olho para decorações encantadas – disse, observando as medusas com um sorriso pensativo. A Metty não o sentira aproximar-se. – Creio que este é o teu *décimo* aniversário, certo, pequena?

– Hum, sim – respondeu a Metty, desviando os olhos do teto a custo.

– E é por isso que vieram ver a Madame LeBeau?

A Metty engoliu em seco e acenou afirmativamente.

– Estou aqui para descobrir a minha sina.